ANO 12.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 1932 N.º 3593

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

EVOCANDO A DATA DO ARMISTICIO

"Se não tivessemos entrado na guerra, já hoje não teriamos as nossas colonias"

declarou hoje ao Diario de Lisbôa o general sr. Norton de Matos

O sr. general Norton de Matos na sua residencia em Algés

Ha catorze anos que terminou a guerra. Apesar de ir já passada mais de uma década, sobre o fim do grande conflito, ainda não é tarde para se evocar a figura e a acção dos homens que nos levaram a comparticipar nele e para fazer justiça ás finalidades eminentemente patrioticas que determinaram a nobre politica intervencionista dos governantes de então.

De entre os homens que mais batalharam no sentido de que Portugal marcasse perante o mundo, uma posição que correspondesse á dignidade do seu passado e que ao mesmo tempo lhe garantisse um prestigio de ordem moral, que lhe pudesse aproveitar num futuro mais ou menos proximo, destaca-se a figura do general Norton de Matos, vontade de ferro, inteligencia segura, caracter impoluto e ontem como hoje um dos nomes de maior prestigio na politica da Republica.

Estava pois naturalmente indicado que ouvissemos o antigo ministro da Guerra, neste dia, que colhessemos as suas impressões dos resultados do nosso esforço, desse esforço que foi grande, que foi sobrehumano, que foi sublime, mas que foi necessario, ou melhor, que foi indispensavel.

Norton de Matos, estadista que tem tido a visão clara dos grandes problemas nacionais—teve-a em Angola e teve-a mais tarde na governação publica da metropole—não evoca indiferentemente as horas dificeis da nossa intervenção na Guerra. Lembra-as sempre com entusiasmo, com vibração, com carinho mas muitas delas tambem com censura e aspereza.

Na sua casa de Algés, o general recebeu-nos afavelmente, acedendo apesar do seu estado de saude, á solicitação que para o «Diario de Lisboa» lhe fizémos: uma evocação da nossa entrada na Guerra.

A doença parece não ter exercido uma extraordinaria acção sobre o seu organismo. No vigor das suas atitudes e na rigidez das suas palavras, o general revela-se ainda aquele homem que transformou uma Angola do passado numa Angola do presente, aquele homem que mostrou ao mundo as nossas possibilidades de nação colonizadora, o mesmo homem, energico, rude e impenetravel que impulsionou a mobilização do Exercito, lançando-o depois, com honra e dignidade, para os campos da Flandres ou para os areais de Africa.

Foi assim que o fomos encontrar na sua casa. Falámos-lhe da Guerra, da Paz, da politica intervencionista, da sua necessidade, dos seus beneficios.

Perante o dilema

E Norton de Matos começou por nos dizer:

—A nossa entrada na Grande Guerra, foi determinada. por uma força contra a qual me parece dificil opôr barreiras: a alma nacional. Ela vibrou intensamente nessas horas dificeis, recebendo e apoiando, a politica do governo. O país viu bem o dilema perante o qual nos colocavamos se nos mantivessemos neutros: no caso da vitoria dos imperios centrais, perderiamos totalmente as nossas colonias, e até talvez a metropole como de resto se depreende de curiosos documentos já publicados, entre os quais destacarei apenas as memorias de von Bullow; no caso da vitoria dos aliados, sofreriamos a perda de uma parte dos dominios ultramarinos, se não de todos eles, o que não é dificil acreditar se atendermos aos incidentes que depois se verificaram na conferencia da Paz, quando se fizeram alusões á necessidade de dar compensações a determinadas potencias...

«Perante tão negro dilema, a nação compreendeu bem a sua missão, apesar das campanhas derrotistas que se fizeram sentir. Se assim não fosse, forças algumas seriam capazes de levar o país a tão formidavel esforço, representado pela mobilização e colocação sobre as linhas do «front» de um corpo expedicionario de mais de 100.000 homens municiados e apetrechados.

E continuando:

—Acusam-me de ter levado o país para a Guerra. Eu limitei-me apenas a indicar—e orgulho-me muito de o ter feito—o caminho que havia a seguir e os inconvenientes que adviriam se não enveredassemos por ele. Felizmente que a nação viu o problema e deu-nos a força. A quasi totalidade daqueles a quem competia a defesa do nosso patrimonio e do nosso nome quiz cumprir o seu dever.

Um pouco de historia

Satisfazendo ainda o nosso desejo, o general Norton de Matos, faz uma pequena resenha historica:

—Logo apoz a vitoria do movimento de 14 de Maio, o governo constitucional entendeu dever colocar o país na posição, sob o ponto de vista de politica internacional, que ocupava antes da ditadura pimentista. Todavia a nossa intenção de retomar aquela directriz, depois de já a termos definido primitivamente e de a termos alterado pela ditadura, foi recebida por determinadas potencias aliadas com certa reserva, por forma mesmo a ferir os nossos sentimentos nacionais.

«Num conselho de ministros, que então se realizou, presidido pelo sr. dr. José de Castro, o ministro dos Estrangeiros dr. Augusto Soares expoz a situação, o que me levou, na minha qualidade de ministro das Colonias, a proferir um largo discurso politico que tanta repercussão teve. Salientei a necessidade de nos prepararmos para a guerra, na qual teriamos infalivelmente de entrar, para assegurar a posse dos nossos dominios ultramarinos; afirmei confiar nas qualidades da raça, no seu alto espirito de patriotismo e na sua dedicação ao regime e terminei propondo, o que foi aprovado por unanimidade, que se iniciasse desde logo a reorganização e o municiamento do nosso Exercito. Qunado terminei esse discurso, tinham entrado já na sala, alguns camaradas meus, entre os quais me recordo de dois nomes: Roberto Baptista e Correia Barreto. Vinham trazer-me o seu apoio e o seu aplauso.

—Depois ..

— Passados poucos dias, era eu procurado no meu gabinete do ministerio das Colonias, por um rapaz que mais tarde a Guerra havia de glorificar:

Oscar Monteiro Torres. Vinha como emissario de João Chagas, então doente, notificar-me o desejo que aquele meu amigo tinha de me falar. Dirigi-me a sua casa. João Chagas felicitou-me pelo meu recente discurso pedindo-me ao mesmo tempo que aceitasse a pasta da Guerra, onde—dizia ele—os mais altos interesses nacionais exigiam a minha presença. Pretendi ainda escusar-me alegando que era de colonias a minha especialidade, citando ainda o afastamento em que me encontrava, havia bastante tempo, de assuntos militares.

«Ante a insistencia que então senti, não tive outro remedio senão aceitar a chefia suprema do Exercito. Fui para lá disposto a trabalhar e a fazer trabalhar aqueles a quem tal cumprisse. Fez-se rapida e seguramente a reorganização do Exercito e dentro de um prazo relativamente curto, eu podia convidar o Chefe do Estado sr. dr. Bernardino Machado os meus colegas do governo, os senadores e deputados como representantes da soberania nacional e os membros do Corpo Diplomatico, a assistirem em Tancos, ao desfile de 30.000 homens de todas as armas e serviços, armados e equipados, trinta mil homens que podiam embarcar no dia seguinte para os campos de batalha. Lembro-me até que a rapida preparação desse forte contigente, teve a classificação popular de «milagre de Tancos».

—Quais os fins em vista com essa demonstração militar?

—Mostrar áqueles que pouco antes nos podiam julgar incapazes de uma intervenção eficiente, que Portugal podia, mercê do seu esforço, do seu sacrificio e do seu brio, tomar uma parte activa ao lado da causa dos aliados. E creia, era necessario demonstra-lo e tirar dessa demonstração os efeitos que nos interessavam: um convite das potencias para entrarmos na Guerra.

A primeira vitoria

—E conseguiram-se esses efeitos?

—Absolutamente. Bastou a organização militar, com a rapidez e segurança com que foi feita, para elevar o nosso prestigio perante o mundo, impondo-nos e modificando a situação depreciativa, que chegámos a ter durante determinado periodo. Pouco depois da revista de tropas em Tancos, surgia o pedido da Inglaterra para apreendermos os navios alemães surtos no Tejo e quasi simultaneamente o ministro da Inglaterra entregava ao ministro dos Estrangeiros o pedido oficial da nossa velha aliada, para que entrassemos declarada e abertamente no conflito. Era a primeira vitoria da politica nacional intervencionista.

Continuando o general Norton de Matos diz-nos:

—Prestigiada assim de novo a nação, era necessario marcar na frente uma posição condigna que corresponderia á confiança que fôra depositada no nosso esforço e na nossa eficiencia. Para isso não bastava enviar um simples contingentes. Era preciso que fossemos representados em França, por um Expedicionario mais tarde transformado em Corpo do Exercito Português, subordinado como todos os exercitos ao comando unico dos aliados.

«Para consolidar a nossa posição em França e melhora-la tanto quanto possivel, realizei então a minha viagem a Londres. Aí encontrei o auxiliar poderoso que foi o nosso ministro na capital inglesa e mais tarde ilustre Presidente da Republica sr. Manuel Teixeira Gomes. A sua inteligencia, o seu tacto politico e talvez ainda acima de tudo isso, o seu grande prestigio em Londres, muito contribuiram para o completo exito da minha missão.

—O que conseguiu V. Ex.ª com a sua viagem a Inglaterra?

—Consegui o que Portugal desejava. Que fosse confiado á guarda e defesa exclusivas do Exercito Português um sector da frente. Ficámos então no «front» com a posição de força independente; ficámos com um lugar honroso, um lugar como os dos outros. Estavamos como deviamos estar.

«Conseguida mais esta vitoria, o governo inglês não quis todavia que

(*Vêr continuação na 4.ª pagina*)

TEATROS E CINEMAS

«Dona Formiga» no Teatro Nacional

Casa de Garrett, verde e ouro, esperança de lucros. Casa cheia, reaparição de Adelina, Palmira e Nascimento. Amelia Rey Colaço e Robles dão-nos a primeira peça nova da temporada, «Dona Formiga», dos Quintero, celebrados autores espanhois que tiveram uma época magnifica de teatro regional e que hoje, transitando da Andaluzia para Castéla, vivem do prestigio bem ganho e da tecnica inteligentemente adquirida. Assim mantêm em Espanha series de exitos relativos, escrevendo, para determinadas companhias, «carapuças» que assentam como luvas a interpretes que muito bem conhecem.

Tratando-se da Companhia do Teatro Lara, por exemplo, escrevem os Quintero «carapuças» para Leocadia Alba, Concha Catalá, Gonzalez, Campos etc. E da combinação da peça com tão belo elenco, resulta uma representação harmonica que dá impressão de espontaneo exito e pode até animar emprezas estrangeiras á aventura d: transplantação.. A primeira dificuldade é a tradução, o encontro de equivalencias para subtilezas tipicas, dificuldade que neste caso foi bem confiada a Cristovam Ayres, jornalista e tradutor experimentado. Depois, o ajustar das referidas «carapuças» a artistas diferentes, doutro temperamento e escola. Dificuldade esta que ontem foi briosamente vencida pela grande Adelina, numa réplica feminina ao «Centenario», dos mesmos autores, avózinha ladina, «Dona Formiga» para os celeiros dos nétos, um «papel» para a extraordinaria actriz, tão merecedora de os ter e de voltar ao teatro onde fez «A Mãi», de Santiago Russignol, e mais recentemente «A Féra», de Ramada Curto. Palmira Bastos deu todo o prestigio e toda a humanidade da sua figura a uma esposa ciumenta, e Nascimento Fernandes toda sua inteligencia e todo a sua veia a um tipo de boa traça, sendo o conjunto completado por Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro, João Villaret, Alvaro Benamor, Maria Lalande, Emilia de Oliveira, Maria Clementina e Raul de Carvalho, este num andaluz de pandeireta e com indumentaria inverosimil em tal ambiente. E até esta dificuldade—a do ambiente cenografico—foi bem vencida na «Dona Formiga» que ontem nos deu o Nacional.

R.

Uma nova organização

O teatro da Trindade vai reabrir as suas portas com uma organização teatral que o publico receberá com simpatia e admiração. Lucilia Simões, Aura Abranches e Erico Braga juntam-se num admiravel exemplo, secundados por elementos de primeira plana do teatro declamado, para presidir aos destinos do Trindade, sob a egide do empresario José Loureiro. A estreia desta nova organização faz-se no dia 23 do corrente, com uma notavel peça do teatro brasileiro.

Atrás do reposteiro

Realizou-se ontem, com grande solenidade e enorme entusiasmo, no Sá da Bandeira, do Porto, uma linda festa de homenagem ao artista-empresario Armando de Vasconcelos, coincidindo com a despedida da sua companhia.

—A «tournée» da companhia Maria Odette, com Ondina Dubini, José Dubini, Alvaro Barradas, Elvira Ripardi, Antonio Martini e Henrique Barreiros, maestro, recomeça no proximo dia 27, pelo Cartaxo e Alcanena.

—No Trindade realizam-se depois de amanhã dois espectaculos: o primeiro, de tarde, concerto do pianista José Rosenstock e, á noite, a ultima da revista desportiva «Solar dos Leões», dedicado á Imprensa de Lisboa e que alcançou grande sucesso nas duas representações efectuadas a semana passada.

—No rapido da manhã seguiram hoje para o Porto os artistas da companhia Estevão Amarante que amanhã se estreia no Sá da Bandeira com o «vaudeville» «O Bicho do Mato», seguindo para ali amanhã o corpo de baile e bailarinos.

—Para a proxima inauguração da temporada de um dos nossos teatros anunciam-se novidades sensacionais, a que não são estranhos alguns grandes artistas da cena portuguesa.

—No Politeama começam na segunda-feira os ensaios da peça que deverá seguir-se á revista «Areias de Portugal», ali em cena, e os do «vaudeville» com que se inaugura o Carlos Alberto, do Porto.

—No mês de abril do proximo ano segue em «tournée» pela nossa Africa uma companhia de declamação, com a mesma formação com que está funcionando em Lisboa.

—O «Zéca Tátú», da revista «Areias de Portugal», no Politeama, na pele de Juvenel Fontes, todas as noites diz novas e desopilantes «caipirices».

—Tiveram a amabilidade de nos apresentar os seus cumprimentos de despedida os artistas Beatriz Belmar e Santos Carvalho, que partiram para o Porto com a companhia Estevão Amarante.

—Vai entrar em ensaios, no Nacional, a peça de Gil Vicente, «Auto da Barca do Inferno».

—Os poetas populares de Lisboa estão mandando as suas produções, em quadras admiraveis, para o reclamo de «O Escorpião», no Avenida.

—Entrou em franca convalescença o actor Joaquim Pacheco, que fai ha dias operado de urgencia num dos nossos hospitais.

—A grande companhia de circo que, no Coliseu, está exibindo um formidavel programa, inclui nos seus trabalhos, cheios de emoção e de graça, o do fenomenal chimpanzé Jupiter que anda de bicicleta, come, bebe e fuma com uma naturalidade que espanta. Amanhã ha «matinée» com entrada gratuita para as crianças até dez anos.

—Ontem esgotou-se completamente a lotação do teatro Nacional, onde com grande exito se está representando a comedia «Dona Formiga», tradução de Cristovão Aires.

—No Odeon, estreia-se hoje, em fim de festa, o dueto «Os Diavolinos», no seu belo repertorio de canções brasileiras, continuando as atracções de Comitre e exibindo-se no «écran» «O meu ultimo amor», com José Mojica.

—No Julio das Parturas, do Parque Mayer, continuam em pleno exito as encantadoras bailarinas Hermanas Perez.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Dona Formiga».
Politeama—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Areias de Portugal».
Avenida—A's 21 e 30—«O Escorpião».
Variedades—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Desculpa, ó Caetano!»
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Fonte Santa».
Coliseu—A's 21—Companhia de Circo.
Capitolio—A's 21—Cinema e variedades.

CINEMAS

São Luiz—A's 21 e 30.
Cine-Ginasio—A's 21 e 15.
Tivoli—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21—Cinema e variedades.
Condes—A's 21 e 30.
Royal—A's 21 e 30.
Olimpia—Sessões continuas das 14 e 30 ás 24.
Central—A's 21 e 30.
Cine Palacio—A's 21 e 30
Chiado Terrasse—A's 21 e 30.
Salão Ideal—A's 18.
Paris-Cinema (Sonoro)—R. Domingos Sequeira
Palatino—Rua Filinto Elisio, a Santo Amaro A's 21.

T. S. F.

Programas escolhidos

PARA HOJE

A's 19 e 45: MILAO (60 kw.—331,9 m.): concerto sinfonico; RADIO SUIÇA ROMANA (25 kw.—403,8 m.): recital de canto.

20: ESTRASBURGO (11,5 kw.—345,2 m.): cantos de guerra, poema de Emilio Mariotte, musica de Alexandre Georges; RADIO PARIS (75 kw.—1.724 m.): «Marathon», peça de F. Divoire: BRUXELAS, emissão flamenga (15 kw.—337,8 m.): recital de canto; LONDRES NACIONAL (50 kw.—261,3 m.): festival de souvenir; LONDRES REGIONAL (50 kw.—355,9 m.): concerto de orquestra.

20 e 20: ARGEL (16 kw.—363,6 m.): concerto instrumental: obras de Schubert e de Saint-Saëns.

20 e 30: PRAGA (120 kw.—488,9 m.): recital em dois pianos, por Schulloff e Leifus.

21: BRUXELAS, emissão flamenga (15 kw.—337,8 m.): concerto sinfonico.

Emissões nacionais

Das 20 ás 22: C T 1 G K (Radio-Alcantara, em 283,8 m.): discos.

Das 21 ás 24: C S 1 A A (em 453,2 m.): discos.

Das 22 ás 0,30: C T 1 D S (em 283,6 m.): discos.

Das 21 ás 24: C T 1 J V (Radio Amadora, em 423 m.): discos.

PHILIPS
Super-Inductance
630/830

M.me
Não compre o seu chapeu sem vêr primeiro os modêlos expostos na casa Pedrosa.
SALÃO AUREO
246 — Rua do Ouro — 248

Merecido galardão

Foi concedida ao sr. José Segurado a medalha da Associação Protectra dos Animais, devendo a mesma ser-lhe entregue no proximo domingo, pelas 15 horas, numa sessão solene que para êsse fim se realizará na Associação de Socorros Mutuos dos Empregados de Comercio e Industria.

BOLSA DE LISBOA

11 de novembro
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Emp. 6 1/2 0/0 1923 ouro	994$00	994$00	995$00
Externas da 1.ª Serie...	1.125$00	1.123$00	—
Externas da 2.ª Série...	—	1.130$00	—
Externas da 3.ª Série...	—	1.200$00	1.210$00
Portos 6 3/4 1930.....	—	543$00	545$00
Consolidação 6 1/2 1930.	509$00	—	—
B. C. de Lisboa assent..	—	—	—
B. C. de Lisboa port. ..	—	350$00	—
B. L. & Açores assent ..	—	—	—
B. L. & Açôres port.. ..	260$00	260$00	262$00
B. N. Ultramarino assent	—	28$00	30$00
B. N. Ultramarino cupão	—	35$00	—
Banco Portugal assent.	815$00	811$00	817$00
Banco Portugal port. ..	—	820$00	822$00
C. de Seguros Fidelidade	9.000$00	8.850$00	—
C. de Seguros A Mundial	—	120$00	130$00
C. de Seguros Nacional.	—	300$00	—
C. de Seguros Sagres....	—	—	—
Obrig. C.ª Fer. Benguela	720$00	710$00	720$00
Obrig. N. Portugal 9 0/0	—	105$50	—
Obrig. N. Port. 7 1/2 Trof.	—	93$00	—
Obrig. N. P. 7 1/2 B. Vista	93$00	—	93$50
Obrig. C. P. Port. 7 0/0	97$00	97$00	98$00
Obrig. C. P. Port. 8 0/0	86$00	85$50	86$40
Obrig. C. P. Port. 10 0/0	93$80	93$70	94$00
Acções Aguas L. assent.	—	—	—
Acções Aguas L. port.. .	—	300$00	350$00
Acções Gaz Elect. cupão	196$50	196$50	197$00
Acções Port. e Colonias	56$00	55$50	56$50
Acções C. N. Navegaçao	73$00	72$50	74$00
Acções Portug. de Pesca	91$00	91$00	92$00
Acções P. de Tab. cupão	174$50	174$00	175$00
Acções Tab. Port. cupão	—	192$00	197$00
Acções Tabaquei. cupão	—	580$00	600$00
Acções Amboim 1.ª emis.	10$00	10$00	10$50
Acções Açucar d'Angola	172$00	171$00	173$00
Acções Buzi 1.ª Emissão	—	43$00	43$50
Acções C. de Navegação	—	—	—
Acções Ilha do Principe	160$00	155$00	165$00

Henrique de Barros Gomes
Corretor 2 oficiada Bolsa de Lisboa
Telef. 2548 Rua S. Julião 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	108$90	109$30
Paris	1$29,5	1$30
Madrid	2$69,9	2$71,2
New-York	33$06,3	33$18,4
Zurich	6$37	6$40
Roma	1$69,1	1$69,9
Bruxelas	4$58,8	4$60,9
Amsterdão	13$29,2	13$35,3
Berlim	7$85,5	7$89,1
Praga	$98,1	$98,5
Rio de Janeiro	2$52	2$53,2
Libra ouro.....	—	—

Olimpia Club
Continuam causando o assombro de toda a Lisboa os bailados que a linda CARMEN VARGAS exhibe todas as noites. Digno de registo as elegantissimas e luxuosas «toilettes» que apresenta.

TEATRO DA TRINDADE
Domingo, 13 ás 9,30 da noite
3.ª e ultima representação
A PEDIDO DA REVISTA
O solar dos leões
DEDICADO A' IMPRENSA DE LISBOA
GRANDE SUCESSO
Bilhetes á venda
Alfaiataria J. Julio da Cunha. Rua Augusta, N.º 217-219: Telefone 20801 – Secretaria do S. C. P. Praça dos Restauradores D. 13, 3.º Telef. 21070 — Victor Gonçalves, Ltd. Rua do Ouro, 152. Telef. 26558—Livraria Franco, Travessa S. Domingos, 18 Telef. 28948—Pastelaria Quinta: Rua Pascoal de Melo, 59 a 43 Telef N. 1267.

Teatro ALMEIDA Nacional GARRETT
HOJE — Às 9,30 — HOJE
3.ª representação da engraçada comedia em 3 actos, dos Irmãos Quintero, tradução de Cristovão Ayres (Filho).
DONA-FORMIGA
COM
ADELINA ABRANCHES, PALMIRA BASTOS, AMELIA REY COLAÇO, NASCIMENTO FERNANDES e ROBLES MONTEIRO, nos principais papeis
Encenação de ANTONIO PINHEIRO, cenarios de Manuel de Oliveira, executados sob a direcção de AMELIA REY COLAÇO

— Quer V. Ex.ª uma bôa cerveja, vá á «Chic».

O heroismo feminino em fóco
CINE GINASIO Telef. 24363
HOJE, ás 21,30
n'O PASSAPORTE MALDITO
DOMINGO MATINÈE. — Entrada gratis as creanças que receberão artisiicos balões e Yo-Yós

VARIEDADES
Desculpa, ó Caetano!

FONTE SANTA
MARIA VITORIA
RIR!!!

Politeama
Duas sessões

Areias de Portugal

Hoje
São Martinho

Almoços e jantares á carta. Preços de concorrencia. Serviço primoroso. "Chic". — Restauradores 20.

DESPORTES

Varias noticias

A Comissão da Divisão de Honra reuniu-se ha dias.

Uma das suas tarefas foi receber a Comissão da Segunda Divisão que aproveitou o momento para tratar do auxilio que lhe foi concedido, mas que versou principalmente outro assunto, para ela, vital.

—Como se sabe, a segunda volta do Campeonato de Lisboa é disputada só por oito clubes: dois ficam de fora. A 2.ª Divisão quere ser esclarecida acerca da maneira como o seu campeão ha-de disputar a entrada na Competição de Honra. Consta-nos que não ha processo da 2.ª Divisão ser esclarecida...

—Começa no domingo o campeonato de Lisboa. Carlos Canuto dirige o Sporting-Belenenses; Nuno de Freitas, o União-Barreirense; Militão de Sousa, o Chelas-Luso; Ludovino Antonio de Carvalho, o Casa Pia-Sacavenense; e Americo Gomes, o Benfica-Carcavelinhos. Os juizes marcados são pessoas competentes e imparciais.

—A 2.ª Divisão tambem inicia o seu campeonato no domingo.

O Cruz Quebrada-Portugal é dirigido por Francisco Manuel dos Santos. O Bom Sucesso-Paço de Arcos, por Raul Augusto de Sousa, o Fosforos-Rua Nova por Angelino Fontes. O Operario-Marvilense por Jorge Shone.

—Os clubes da Segunda Divisão não aceitam o auxilio da Divisão mais categorizada, excepto o Rua Nova que defende o principio de que «mais vale um passaro na mão do que dois a voar...»

—Diz-se que os dois ultimos classificados na competição de honra do Campeonato de Lisboa se encontram muito sujeitos a não regressar á posição primitiva. Nós não acreditamos...

—O Colegio de Arbitros aplicou «três meses de suspensão» ao juiz de campo sr. Mario Costa.

Motivos?—O Colegio encontrar disparidade em declarações feitas pelo sr. Mario Costa no boletim de determinado jogo e em declarações produzidas por esse arbitro num inquerito a que mais tarde foi sujeito.

—A Comissão Escolar da Associação de Foot-ball de Lisboa reune-se em breve, juntamente com os delegados de todas as Escolas filiadas, a fim de tratar assuntos que dizem respeito aos campeonatos de «Foot-ball» das Escolas Secundarias e Superiores, a começarem brevemente.

—O Colegio puniu o arbitro sr. Joaquim Augusto dos Santos, com repreensão registada e em virtude do referido juiz de campo não ter participado a expulsão de dois jogadores no jogo Marvilense-Rua Nova por ele dirigido.

—O sr. Raul Vieira, mui digno presidente da Federação Portuguesa de Foot-ball Association, visitou, em cumprimentos oficiais, a A. F. L.

—Consta-nos que essa alta personalidade do foot-ball português devia ter aproveitado a ocasião para remover dificuldades e conseguir a simpatia lisboeta para a realização do Norte-Sul.

—O Norte-Sul, em foot-ball, receita velha para acudir ás finanças da Federação, deve ser um facto e ainda antes do fim do ano.

Dizem-nos que tanto o presidente da Associação do Porto como o de Lisboa de ha muito se tinham comprometido com o presidente da Federação acerca da realização do assunto.

—Chega-nos a informação, que damos sob reservas, de que o Organismo maximo suspendeu a Associação de Foot-ball de Evora, em virtude da forma como esse organismo regional se lhe dirigiu.

—O caso da suspensão de Evora tem sido vivamente comentado na cidade alentejana.

—O caso do profissionalismo—reclamação do Boavista—baixou á mesa do Congresso da Federação, que é um meio, como outro qualquer, de todos se livrarem de apuros. Até agora, a Mesa do Congresso ainda não deu sinal de si. Quere-nos parecer que em assunto de tanta monta, o caso já deveria estar resolvido, até pelo prejuizo que está acarretando para os recorrentes...

—Continuam em Pedrouços, no proximo domingo, as regatas internacionais de 12 pés. As provas começam ás 14 horas e meia, com a setima largada da II «Flamula Azul». Terminadas as provas de vela, realizar-se-á duas corridas de «outboards» para motores da classe C e para a classe ilimitada. A inscrição para estas duas provas de «outboards» far-se-á no Juri, até meia hora antes da primeira largada de motor.

ECOS DO CHIADO

Tem sido favoravelmente comentado o serviço gratuito de "Vermouth Martini", como aperitivo ás refeições—no Restaurant Club (Antigo Silva) assim como a novidade das Ementas.

CRONICA

João do Rio

Jarbas de Carvalho, o brilhante jornalista carioca que era redactor d'*O Paiz* quando pertencemos á *Noite*, escreveu agora, no Suplemento ilustrado dêste jornal, algumas palavras sôbre Paulo Barreto. Lançou a ideia de um monumento digno da altissima envergadura intelectual daquele nosso saudoso amigo e consagrado escritor. O povo português, o vulgo, devia saber de quem se trata, mas não é de estranhar que conserve apenas a recordação do seu nome como o de um brasileiro falado nos nossos jornais. No entanto, a sua individualidade era tão original e possuía tamanho relêvo que nunca é demais prestar-lhe homenagem.

Apesar de ter dado as melhores provas nos seus preparatorios no curso da Marinha e de ter gostado tanto do mar que até, aos 7 anos de idade, se fotografara vestido de marinheiro, não o seduzia, mais tarde, outra carreira que não fosse a das letras. Queria, porém, viver e agir por si educando o espirito de maneira a voltar á Imprensa deidamente aparelhado para todas as lutas. Foi essa a razão que o levou, aos 17 anos, a abandonar a redacção da *Cidade do Rio*, ao tempo na rua do Ouvidor. José do Patrocinio, o famoso e ardente abolicionista, lamentou a ausencia de um colaborador tão ilustre que, com impetos juvenis, se batera galhardamente contra o preciosismo literario, o mórbido simbolismo que então dominava as esferas intelectuais do Brasil.

Já senhor daquele poder de observação que sempre o caracterisou e afastado voluntariamente de toda e qualquer colaboração mental, respondia, depois, aos curiosos que andava «destruindo o selvagem que cada um de nós tem na alma» e só aceitava os ensinamentos do pai, fervoroso admirador de Augusto Comte, a quem dizia querer dever tudo o que lhe fosse possivel alcançar no futuro. Era filho do velho, sabio, arguto e estimado professor Alfredo Coelho Barreto, que todos viam sempre de luto, de sobrecasaca e cartóla, ligeiro no andar, de cabeça erguida e olhar vivo, de *cavaignac*, ou pêra, e senhor de uma erudição pouco vulgar e duma bondade sem limites.

Do convivio exclusivo com o pai surgiu nêsse singular—«*aprendiz de escritor*»—que já escrevia brilhantemente, a ansia de estudar, produzir, rasgar e aperfeiçoar. Ao fim de cinco anos, armado, por seu pai, cavaleiro do método, de observação mais subtil, expondo quanto pensava numa linguagem clara, sintetica e precisa, transformou-se ora em apostolo do humorismo sadio e da ironia galante ora em artista da palavra, cheio de coragem e altivez, de sonho e de fé nos destinos da sua maravilhosa patria. Chegara o momento oportuno. O Rio de Janeiro, sendo presidente da Republica o dr. Rodrigues Alves, entrara num periodo aureo de necessaria transfiguração.

O dr. Oswaldo Cruz celebrisava-se como higienista, crescia a fama de Frontin e na Prefeitura erguia-se a figura simpatica do velho Passos que, surdo a rumores, influencias e ameaças, rasgava a formosa avenida Rio Branco, a Avenida Central, onde resurgia o palacio Monroe que havia figurado na Exposição de S. Luiz.

Não podia aparecer melhor ensejo para Paulo Barreto, espirito reflectido mas inquieto e febril, voltar á liça. E pela mão amiga e firme de Manoel da Rocha entrou na *Gazeta de Noticias* onde lhe fomos apresentados, em 1913, por outro não menos ilustre brasileiro e consagrado jornalista, o nosso querido amigo dr. Candido Campos, que, por sua vez, tinhamos conhecido por intermédio do velho e saudoso artista, tambem brasileiro, Alvaro Colás. Desde logo os magnificos perfis de *Passos intimo* e da bondosa *Irmã Paula*, a par de varias entrevistas diplomaticas em Petrópolis, alcandoraram Paulo Barreto, definitivamente, no conceito publico.

Com o seu primeiro livro—*Religiões no Rio*—firmára, em 1904, o pseudonimo de *João do Rio*, qque tanto gostava de usar e que tão invejado foi. Porque, talento multiforme, duma plasticidade assombrosa para tratar de todos os assuntos:—cronica social, inqueritos, contos, teatro, conferencias, viagens, traduções e romance—foi alvo de ataques, iolencias e diatribes de muitos que se sumiram e aos quais, sem esmorecer, respondia com um daqueles seus risos gostosos torcendo-se um pouco sobre a esquerda ou fazia por se tornar ainda mais proficuo e util dentro do seu feitio vivaz, paradoxal, satirico, ironista e perturbante sem o menor artificio. Encarando as cousas e as pessoas por um prisma muito seu, esse sublime fotografo da alma encantadora das ruas ora se mostrava noctambulo, feito poeta da noite em passeios a deshoras, ora social fundando, comnosco e mais alguns, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, mas sempre a diluir gratuitos azedumes alheios no fumo do seu costumado charuto... .

Mordaz vencedor a golpes de talento nunca denegriu reputações. Eleito socio da Academia Brasileira de Letras, aos 31 anos de idade, foi *João do Rio* um triunfador que a Europa cortejou e acarinhou nas suas viagens, relatadas em preciosas cronicas. As suas peças de teatro são quadros flagrantes com casos vividos e personagens disfarçadas sob nomes diversos. Todas elas são adoraveis e a palavra tanto aparece aqui brincada, romantica e leve como, além, caustica e incisiva. Dramaturgo estreado com a revista *Chic e Chic* pedida pela insigne Lucinda Simões para o teatro Municipal, autor aplaudido de *A bela Madame Vargas*, que foi um dos maiores sucessos de Mario Duarte, no nosso Gimnasio em 1912, *Ultima noite*, *Não é Adão*, *O encontro* e *Que pena ser só ladrão*... escreveu, como amigo de artistas portugueses, os três actos da *Eva* para a festa de Alexandre de Azevedo, a quem os ofereceu. Entrou nessa peça, representada em 13 de novembro de1916, no teatro Recreio, a deliciosa actriz Aura Abranches e Alves da Cunha levou-a em Lisboa, ao regressar do Brasil.

Tradutor de Oscar Wilde, de quem sofreu a influencia sentida nas *Cronicas e frases de Godofredo de Alencar*, teve entre os seus editores os portugueses — Lelo & Irmão. Ao morrer ainda deixou completos varios trabalhos de que é actual detentor o Centro Luso-Brasileiro Paulo Barreto, como herdeiro de D. Florencia, mãi do escritor. Este possui, além do Centro, uma Escola com o seu nome, para crianças pobres do sexo masculino, inaugurada em 11 de março do ano corrente. Moradores no rez-do-chão do mesmo predio da Avenida Gomes Freire, no Rio, onde Paulo Barreto, no primeiro andar, sempre excentrico, escrevia despido e de «fez» na cabeça, e ainda vizinhos no trabalho da imprensa, no Largo da Carioca, assistimos á sua glorificação em sucessivos e solenes banquetes ofertados por diversas colonias residentes no Rio, quando voltou do Congresso de Versailles. Sentimo-lo bem a nosso lado na celebre «questão dos poveiros» que nos fez regressar a Lisboa e foi na chegada á Madeira que recebemos a noticia da sua morte que encheu de luto o Brasil.

Semeador de ideias com que esmaltava escritos de valor e conversas de encantamento, Paulo Barreto *(João do Rio)* a quem Malheiro Dias, na sua *Carta para além tumulo*, chamou um «sonhador», era um defensor da nossa lingua e da nossa Raça, um verdadeiro amigo de Portugal. E tão grande e cordialmente sincero que cabe ao nosso país o imperioso dever de oficialmente solicitar a honra da colocação duma placa de bronze no projectado monumento, na qual se traduza a justa admiração pela sua obra, toda a gratidão que lhe devemos e toda a saudade que ainda e sempre dedicamos á sua memoria.

MARIO MONTEIRO
Advogado

Revelação do Segredo da Influencia Pessoal

Methodo simples que toda a gente pode empregar para desenvolver as forças de magnetismo pessoal, a memoria, a concentração e a força de vontade, e para corrigir os habitos perniciosos por meio da maravilhosa sciencia de Sugestão. Livro de 80 paginas descrevendo detalhadamente este methodo unico, bem como um estudo psycho-analytico do caracter, mandados GRATUITAMENTE a quem escrever immediatamente.

«A maravilhosa força da Influencia Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Controle do Espirito, denominem-na como quizerem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus attractivos pessoaes ou por pequeno que tenha sido o seu successo na vida,» diz o Sr. Elmer E. Knowles, autor do novo livro intitulado «*A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores*». Este livro revela factos tão numerosos como extraordinarios das praticas dos Yogis da India, e expõe um systema unico no seu genero para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal, das Forças Hypnoticas e Telepathicas, da Memoria, da Concentração, da Força de Vontade e para a correcção dos maus habitos por meio da maravilhosa sciencia da Suggestão.

Sr. Arne Krogh

O Sr. Arne Krogh escreve: A sua obra está cheia de verdades profundas a tão naturaes que me não preoccupavam antes de ser posto em face dellas. Não me foram revelados novos pensamentos, mas sim os meus proprios. A minha intelligencia e as minhas forças despertaram e ordenaram-se de tal maneira que posso agora tirar o melhor partido dellas.» Este livro espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproducções photographicas, demonstrando como estas forças invisiveis são utilisadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de suppôr. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituição de Bruxellas e um exemplar será remettido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

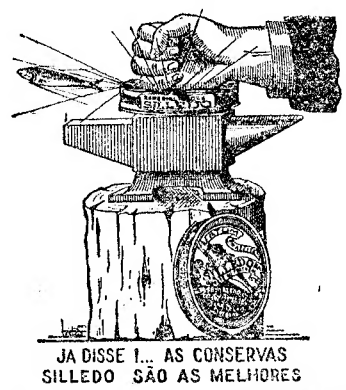
Além da distribuição graciosa do livro, será egualmente enviado a toda a gente que escrever imediatamente um estudo do seu caracter. Este estudo preparado pelo Prof. Knowles contara 400 a 500 palavras. Se deseja pois receber um exemplar do livro do Prof. Knowles e o estudo do seu caracter, copie simplesmente com a sua propria mão as seguintes linhas:

«Quero o poder do espirito,
A força e o poder no meu olhar.
Quero ler o meu caracter
E mandar-me o seu livro.»

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo, (indicando Senhor ou Senhora), e dirija a sua carta a PSYCHOLOGY FOUNDATIONS, S. A. Distribuição gratuita, (Dpt. 6054-G), Rua de Londres, n.º 18, Bruxelas, Belgica. Se quizer, pode juntar a sua carta Esc. 2.70 em sêlos do correio do seu paiz, para a despesa com a franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o sêlo suficiente. A franquia para a Belgica é 1,25 Esc.

Meias para varizes

em seda, linho e malha.
A POMPADOUR—28, Chiado, 30



JA DISSE I... AS CONSERVAS SILLEDO SÃO AS MELHORES

O seu fornecedor tambem as vende Distribuidores para Portugal, Ilhas e Colonias
SANTOS SILVA, LD.ª
Rua 1vens, 53, Lisboa Telefone 2 7086

O Bife á Jansen

Marca uma distinção, a qualidade da cerveja, testemunha a sua fama. Frequente V. Ex. o Salão Jansen.

BORGES DE PINHO
Advogado
R. Prata, 279, 1.º D.to
Telef. 2 3352

A Cidade

Pneus
ara automoveis
reços vantajosos
Avenida Stand, L.da
57, R. Jardim do Regedor, 59
RESTAURADORES

CASOS DO DIA

Mil mortos na catastrofe
que assolou a ilha de Cuba

HAVANA, 11—Pelas informações chegadas até agora dos pontos onde o furacão soprou com mais violencia, calcula-se que o numero de vitimas em Santa Cruz do Sul se eleva a 300 mortos e 400 desaparecidos.

O piloto dum avião que voou sobre Camaguey informa que corre ali com insistencia o boato de que morreram na catastrofe, só no distrito de Santa Cruz, mais de mil pessoas.

A maioria das habitações, naquela região, é de madeira, não oferecendo por isso um abrigo seguro aos habitantes, que se viram forçados a procurar refugio nas regiões vizinhas. Como estas são constituidas por terrenos baixos e pantanosos, receia-se que a maioria da população tenha morrido afogada.

A falta de comunicações contribui para se desconhecer ainda toda a extensão da cataetrofe. Sabe-se, no entanto, que o mar, impelido pelo furacão, entrou pela terra dentro e invadiu a cidade de Santa Cruz, onde a agua alcançou nas ruas cêrca de 25 pés de altura.

O governo vai enviar socorros imediatos para a região sinistrada e tomou já disposições para evitar os actos de pilhagem. Soldados da Guarda Republicana atacaram a tiro grupos de bandidos que foram encontrados a saquear as habitações, tendo causado algumas baixas.

O general Machado manifestou o desejo de visitar a zona sinistrada.—(United Press)

Pormenores da catastrofe

HAVANA, 11—Um dos sobreviventes da catastrofe que devastou o distrito de Santa Cruz telefonou de Jatibonica ás autoridades do Havana, dizendo que quasi todo o distrito ficou destruido, tendo morrido afogadas 300 pessoas. Morreram familias inteiras e da sua propria familia é ele o unico sobrevivente. Depois de fornecer estes informes, o referido individuo deixou de falar subitamente, pelo que se supõe que tenha caido desfalecido.

O alcaide de Camaguey informou o governo que chegaram ali, num comboio especial, 300 sobreviventes da catastrofe. Durante a viagem, morreram dez e oitenta recolheram em estado grave ao hospital.—(United Press)

HAVANA, 11.—A's primeiras horas da tarde, calculava-se que o numero de mortos se eleva a mais de mil, só no distrito de Santa Cruz. Dos 4.000 habitantes daquela cidade, calcula-se que só mil escoparam á catastrofe sem ficarem, pelo menos, feridos.—(United Press).

O S. Martinho, no Arcádia

festeja-se com um programa caracteristicamente nacional

Como se disse, preparado com uma decoração apropriada, da inspiração do artista Eduardo Maia, sem prejuizo das suas linhas elegantes, que o tornam uma das mais belas salas de Lisboa, o «Arcadia», festeja, hoje, o S. Martinho. Evoca o nome do santo, ligado a uma tradição muito portuguesa, uma comemoração que tem o seu quê de pagão, como de resto quasi todas as nossas festas de cunho muito popular, recordando ainda aquele rifão dos lavradores «em dia de S. Martinho prova o teu vinho», o que quere dizer que na data correspondente pode verificar-se se o vinho novo está capaz de beber-se.

Um pouco se tem perdido, nesta lufa-lufa da vida moderna, o culto que, assim, se prestava ao santo, que a igreja canonizou, como a um dos seus principes mais egregios. Não quere hoje o «Arcádia» esquecê-lo, êsse culto, e sem o caracter vulgar que assumiu, relembra-o com um certame muito português, com atractivos regionais, musicas regionais, canções regionais, dansas regionais, por afamados artistas, obedecendo tambem o jantar a uma ementa de pratos genuinamente nossos, confeccionados conforme aquelas belas receitas dos nossos avós. A' alegria, ao pitoresco do quadro ambiente (já dissemos que a sala se exibe em decorações apropriadas), junta-se aquela distinção, aquela elegancia que caracteriza todas as diversões que o «Arcádia» tem realizado, tendo em conta a sua selecta frequencia.

Amanhã, em harmonia com a solenidade da data, é comemorado tambem o aniversario do Armisticio, havendo um jantar de gala e um programa internacional condigno.

NA BOA HORA

Julgou-se hoje
o caso da morte
do engenheiro Paiva e Pona

Em março de 1930 faleceu, na sua residencia, para os lados do Campo Grande, o engenheiro Paiva e Pona, da Camara Municipal, tendo-se atribuido a sua morte a uma troca de medicamentos.

Sentindo-se mal, o sr. Paiva e Pona teria ingerido um preparado purgativo que, por engano do farmaceutico, segundo a acusação, fôra trocado de sulfato de sodio para clorato de potassio, o que determinou a morte do enfermo por intoxicação.

A policia, em face da suspeita, meteu-se no caso, fizeram-se averiguações varias, intervieram peritos e analistas, como se impunha, e o caso foi entregue, para solução, ao tribunal da Boa Hora, postos nestes termos interessantes o pró e contra da acusação.

Enquanto a familia de Paiva e Pona atribui a morte do engenheiro á troca de medicamentos, o farmaceutico acusado, que é o sr. Rafael Baptista, e o seu ajudante, que se chama Jeronimo André Lourenço, afirmam que não só não houve engano algum no aviar da receita, mas nem sequer poderia ter-se dado por virtude dêle—ainda mesmo que o tivesse havido—a morte do engenheiro.

Porque morreu, então, Paiva e Pona, se está averiguado que a sua morte não foi natural?

E' o que vai agora decidir-se, na Boa Hora, onde se iniciou hoje, ás 15 e 30, o respectivo julgamento.

Figuram no processo, além de três peritos do Instituto de Medicina Legal, grande numero de testemunhas, todas de categoria social, entre elas os srs. Charles Lepierre, dr. Cancela de Abreu, dr. Horacio Menano, dr. Ramon de la Feria, dr. Julio de Carvalho, dr. Cassiano Neves, almirante Jaime Afreixo, etc.

Aberta a audiencia, foi ouvido em primeiro lugar o arguido Jeronimo André Lourenço, cuja defesa está confiada ao sr. dr. Santos Coelho. Negou a acusação, afirmando que tem a certeza de não se haver enganado quando aviou a receita; que o engano não era possivel por não haver maneira de confundir o sulfato de sodio que lhe pediram com o clorato de potassio que dize ter determinado a morte do engenheiro, e garantiu que, mesmo admitida a hipotese da acusação, a quantidade de clorato ingerida pelo doente não podia causar a morte nem a ele nem a ninguem.

O outro arguido foi chamado depois.

—Sabe de que é acusado?—preguntou o juiz.

— Sim, senhor. De na minha farmacia se ter fornecido a um cliente clorato de potassio em vez de sulfato de sodio.

— Quere responder ás preguntas que preciso de fazer-lhe, ou delega no seu advogado?

— E'-me absolutamente indiferente.

— E a mim tambem.

O reu resolveu delegar.

E procedeu-se á leitura das contestações da defesa, nas quais se diz o que já fica dito por nós e mais que os arguidos não podem, pela sua competencia profissional, pela sua pratica farmaceutica e pela sua honestidade pessoal, ser suspeitados de inconsideração, de negligencia ou de impericia.

A's 16 e 30 começaram a ser ouvidas as testemunhas, estando a depor a primeira delas á hora de fecharmos a noticia.

UMA ENTREVISTA

As vantagens
da participação
de Portugal na guerra

(Continuação da 1.ª pagina)

eu saisse de Londres sem que me fosse prestada, como representante do Exercito que se batia nas linhas, uma homenagem significativa. E assim o rei Jorge V fez-me entrega pessoalmente, no Palacio de Buckingham, da grã-cruz da Ordem de S. Miguel e de S. Jorge, homenagem que me encheu de orgulho, porque era não para mim, mas para Portugal, que estava na Guerra, sem snbserviencias, com dignidade e no cumprimento dos mais elementares deveres.

«Entretanto era necessario assegurar a eficiencia da nossa acção militar com um «roulement» permanente. Esse trabalho já não o poude realizar porém surgiu o momento de 5 de Dezembro. Portanto, do que se passou depois disso já não me compete a mim dar contas.

Conclusões

O general Norton de Matos fecha a entrevista com algumas considerações curiosas:

—Não estou arrependido, antes pelo contrario, orgulhoso, de ter pertencido ao governo que nos levou á guerra. Portugal melhorou a sua posição perante o mundo, mostrando as suas possibilidades em materia de realizações e assegurou ao mesmo tempo a posse dos seus dominios ultramarinos. O nosso esforço em França e em Africa, onde não foi pequeno tambem, garantiu-nos a unidade do Imperio, do Imperio português, isto é, metropole e colonias, porque só assim compreendo a designação de Imperio.

E concretizando melhor:

—Não concordo com as palavras «Imperio Colonial», porque prefiro substitui-las por «Imperio português». Se as nossas tendencias sempre manifestas têm sido de unidade, essa unidade só pode ser representada pela designação de imperio português, que engloba todo o territorio nacional—metropole e colonias—e não pela de imperio colonial que apenas nos dá a unidade dos dominios ultramarinos.

E a terminar:

—Logo após a guerra, foi-nos restituida Kionga, de que haviamos sido esbulhados, e na Conferencia da Paz, a nossa voz de nação sacrificada e esforçada, foi ouvida e respeitada. Se a nossa situação de neutros, nos tivesse impedido de assistir a essa magna assembleia, com o prestigio moral com que lá fomos, posso garantir-lhe que uma parte dos nossos dominios ultramarinos teria sido alienada em favor de determinadas potencias. Assim não foi, felizmente. Marcámos como cidadãos e como soldados. E á sombra desse sacrificio temos continuado a viver. Se o país nada tem que nos agradecer, deve todavia ver em nós—nos homens que o levaram á guerra——sentinelas zelosas do seu nome do seu prestigio, e do seu vasto patrimonio colonial.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

NO TIVOLI o filme da UFA
Um homem sem nome
um filme emocionante, sobrio, patético!
Na 2.ª feira: a super-producção da PARAMOUNT
O TIGRE DO MAR NEGRO

POEIRA DA CIDADE

O tenente-coronel Cunha e Almeida
intoxicado com acido carbonico

Deu hoje entrada no Hospital de S. José, com uma intoxicação de acido carbonico, o tenente-coronel Cunha e Almeida, director das oficinas gerais da Aeronautica. O seu estado inspira cuidados, devendo ser-lhe feita, ainda hoje, uma transfusão de sangue.

Conferencias

E' hoje, pelas 21 e 30, que o sr. dr. Felipe Ferreira realiza, na Universidade Popular Portuguesa, rua Luiz Derouet, uma conferencia publica comemorativa do 14.º aniversario do Armisticio, com a qual aquela instituição abre o seu ano lectivo.

O problema do inquilinato

A direcção da Associação dos Inquilinos Lisbonenses deliberou, na sua ultima reunião, elaborar uma representação sobre materia de inquilinato, que brevemente submeterá á apreciação do govêrno.

Instituto de Agronomia

Foi nomeado director do Instituto Superior de Agronomia o professor catedratico sr. Manuel de Sousa da Camara.

Furto duma motocicleta

Encontra-se preso, nos calabouços do Torel, Alfredo José Gomes, travessa de S. Miguel, 9, por ter furtado uma motocicleta ao sr. Adriano de Sousa Tavares Vieira, avenida Duque de Avila, 100, 3.º.

Baile de caridade

Como noticiámos, é amanhã, sabado, que se realiza, no salão de festas da «Ilustração Portuguesa» o baile de caridade promovido pela Cruzada de Protecção á Orfandade Feminina de Lisboa.

DE LUTO
Jorge de S. Basilio

Após uma doença prolongada, faleceu ontem no hospital dos Capuchos, onde recolhera depois duma queda desastrosa, o jornalista Jorge de S. Basilio, que contava apenas 37 anos e teve uma intensa vida de profissional em varios jornais, entre eles a «Capital», «Situação» e «Seculo».

Jorge de S. Basilio, que um dia foi até ao Brasil e lá trabalhou algum tempo, tinha inegaveis qualidades e só a doença e o infortunio o impediram de triunfar na carreira que escolhera.

O juneral, no qual se incorporará a direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, realiza-se ámanhã, ás 11 horas, da casa mortuaria do hospital de S. José para o cemiterio de Benfica.

A estreia do Odeon
"OS DIAVOLINOS,,

No Cinema Odeon, onde a renovação dos espectaculos com «fim de festa» tem despertado um justo interesse, estreia-se hoje o dueto «Os Diavolinos», no seu belo repertorio de canções brasileiras e módinhas sertanejas, numero destinado a um grande interesse, continuando a ser festejadissimo pelo publico o impagavel magico «Comitre», prestigitador fantastico e espirituosissimo que causa espanto e faz rir a bandeiras despregadas.

No «écran» continua em pleno exito o programa de filmes mexicano, com o celebre cantor José Mojica e a formosa Ana Maria Custodia, admiraveis interpretes de «O meu ultimo amor», a melhor reprodução daquela republica americana falada em espanhol e com lindissimas canções e ballados regionais.

E, como se tudo isto fosse pouco, temos ainda a «Foz Melody Band», composta dos mais animadores musicos portugueses e simultaneamente cantores dos deliciosos numeros que interpretam.

Reaparece amanhã
a «Semana Ilustrada»

Com instalações proprias e depois de ter sofrido uma completa remodelação, reaparece amanhã a «Semana Ilustrada», interessante revista grafica, moldada em processos modernos e impressa em excelente papel.

Insere reportagem fotografica dos flagrantes acontecimentos da actualidade de Portugal e do estrangeiro, estando a parte literaria confiada a alguns dos melhores nomes do nosso jornalismo.

«Semana Ilustrada» é dirigida pelo nosso amigo e distinto artista fotografico sr. Serra Ribeiro, estando a chefia da redacção confiada ao nosso querido camarada Mauricio de Oliveira.

FUNERAES — TEL 1094 N
MARIO MILHEIRO
RUA DOS ANJOS, 131
SERVIÇO PERMANENTE
PREÇOS RESUMIDOS

A Cidade

RESTAURANTE "PACO"
REABRIU
Aberto de dia e toda a noite.—Almoços, Jantares, Ceias.—Serviço à lista.—Optima cosinha e uma explendida garrafeira.
GINJA ESPECIAL
Rua das Gaveas — Tel. 27869

O ANIVERSARIO DO ARMISTICIO

As comemorações que hoje se efectuaram

revestiram-se de grande solenidade

Foi numa manhã gelada de novembro, ha catorze anos, que na clareira duma floresta sombria da França, Foch recebeu os delegados alemães. Fez-se o armisticio. Ao longo da frente de batalha, os canhões emmudeceram. Caíram, sem ruido, dos braços cansados, as armas homicidas. Uma tranquilidade misteriosa parecia nascer daquela terra, que, durante quatro anos, fôra revolvida, torturada pela metralha e pelo fogo. Então, os homens, olhando as «cruzes de madeira» onde dormia o exercito dos mortos, tão numeroso como o exercito dos vivos, esperaram com ansiedade que a paz se fizesse entre as nações, tal qual os povos a desejavam. Tudo caíra em ruinas: regimes, doutrinas, catedrais, cidades e, sobretudo, almas. Fôra dolorosa a guerra, para a qual a Europa inteira se preparara, sabendo que, para lá do Rheno, um homem tinha prontas a marchar, forçando as fronteiras, as suas legiões coruscantes de aço e de ferro. O soldado da trincheira, ao soar na terra desmantelada o clarim de cessar fogo, pensou que um novo mundo ia nascer. Que os homens que se tinham digladeado na guerra iam apertar as mãos, num rasgo fraternal e duradouro de paz.

Por ela, durante estes catorze anos, se têm batido, num comovente idealismo, alguns grandes apostolos da democracia. A eloquencia da sua palavra nem sempre tem conseguido emmudecer as fanfarras do imperialismo. Apesar disso, para além dos chefes duma hora, os povos desejam essa paz, que os mortos conquistaram em quatro anos de conflagração.

E, facto curioso, a maior data do conflito não é a vitoria, mas o armisticio. E não se celebram os generais, mas os soldados, e não se exaltam os vivos, mas os mortos.

O exercito dos combatentes, em todo o mundo, é hoje o grande exercito da paz, talvez mesmo o seu penhor — de sangue, de sacrificio, e de voluntario heroismo.

Tambem Portugal teve os seus soldados da Grande Guerra. Eles deram uma quota parte de sacrificio para a defesa da latinidade, e tudo quanto ela incorpora, de civilização, de espírito e de democracia. Tambem temos os nossos mortos. Em todas as provincias ha ainda lares cobertos de crepes,—orfãos, viuvas e mutilados.

Hoje, nos dois minutos de silencio, as almas evocaram os nomes dos mortos. As comemorações tiveram caracter universal, que irmanam vencidos e vencedores. Caíram sôbre as estatuas, levantadas aos mortos, as palmas do heroismo e as rosas brancas da paz.

A romagem ao cemiterio

As comemorações do 14.º aniversario do Armisticio iniciaram-se em Lisboa no cemiterio do Alto de S. João onde ás nove horas compareceram os antigos combatentes srs. coroneis Potiers de Lima, Pires Monteiro e Mardel Ferreira; Mario Pagani, dr. Hernani Cidade e Antonio Antunes, pela Liga dos Combatentes; e tenente-coronel Mota Marques, presidente do «Grupo 9 de Abril».

Os antigos combatentes formaram em três pelotões, sob o comando do alferes Manuel Pereira, encontrando-se á frente de cada pelotão os antigos sargentos Paulitos, Cruz e Raul Marques. Compareceram as delegações da Liga de Sintra, Oeiras, Vila Franca e Mafra.

A delegação de Paris estava representado pelo alferes Rezende e junto deste viam-se varios combatentes franceses.

A's 9 e 30 passaram todos em continencia pelo talhão onde repousam os combatentes, desfilando em seguida pela rua Morais Soares e detendo-se ali, na séde do «Grupo 9 de Abril», de cujas janelas foram lançadas flores sobre os combatentes, que seguiram depois, em formatura, em direcção á praça Marechal Saldanha e á Rotunda, onde guardaram os dois minutos de silencio, vindo depois desfilar pelo monumento aos Mortos da Guerra.

Dois aspectos do desfile em frente do monumento aos mortos da Guerra

O desfile em frente do monumento

Em torno do monumento aos Mortos da Guerra formaram forças de infantaria e da marinha e em frente as bandas de caçadores e de sapadores e bandeiras de todas as unidades e dos combatentes.

Na placa do monumento encontravam-se os srs.:

Ministro do Interior, representando tambem o presidente do Ministerio, e da Guerra, estando o titular da pasta das Colonias representado pelo coronel Silva Lopes; generais Ramos de Miranda, Cabeçadas, Arez, Silva Cruz, Vieira da Rocha, Aguas, Malheiros, Ivens Ferraz, Boaventura Ferraz, Ferreira Martins, Domingos de Oliveira e Farinha Beirão, comandante da Guarda Republicana; brigadeiro Silva Basto, governador militar de Lisboa; almirante Sarmento Saavedra, comandante-general da Armada; tenente-coronel João Luiz de Moura, governador civil de Lisboa, drs. Castro Osorio e Machado Pinto, directores da Segurança e da Assistencia Publica, respectivamente.

O protocolo foi dirigido pelo tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais e o desfile do cortejo pelo tenente-coronel Mota Marques.

A's 11 horas, uma divisão do regimento de artelharia ligeira n.º 3, postada no Parque Eduardo VII, deu um tiro de salva, anunciando o inicio dos dois minutos de silencio, que foram guardados por todos, os oficiais perfilados, as forças em continencia, bandeiras e estandartes abatidos em homenagem.

O silencio foi apenas cortado pelo ruido duma esquadrilha de nove aviões, voando em linha, com impressionante certeza, que aumentou a emoção do momento, de que partilharam respeitosamente todos os populares. Em seguida, uma salva de 21 tiros dada pela mesma divisão de artelharia anunciou que tinham decorrido os dois minutos. Fez-se então uma largada de mil e trezentos pombos, que constituiu um admiravel espectaculo. Depois de esvoaçarem em torno do monumento, as asas brancas desapareceram no horizonte.

Seguidamente foram despostos no monumento ramos de flores oferecidos pelos srs. ministro do Interior, em nome do governo; governador civil de Lisboa, director-geral da Segurança Publica e comandantes das Guardas Republicanas e Fiscal.

Iniciou-se então o desfile do cortejo, que veio passar em continencia pelo monumento, vindo á frente delegações das varias escolas, Institutos do Professorado e Magisterio Primario, Albergue dos Invalidos do Trabalho, os alunos e alunas do Conservatorio de Teatro, com mestre Antonio Pinheiro, academicos com estandartes, etc.

Desfilaram em seguida os combatentes, seguidos dum automovel com os mutilados e cégos da guerra, e na cauda alunos do Colegio Militar e dos Pupilos do Exercito e os contingentes que antes haviam formado desde a avenida Fontes Pereira de Melo, reunindo-se-lhe á passagem as bandeiras que junto do monumento estiveram postadas.

Mais tarde, cêrca do meio dia, compareceu junto do monumento o sr. coronel Lopes Mateus, acompanhado dos oficiais da Policia do seu comando e duma força, depondo ali um ramo de flores.

Cêrca das 14 e 45, chegou junto do monumento o sr. general Carmona, que era aguardado pelos ministros da Guerra, da Marinha e do Comercio; general Vicente de Freitas e tenente coronel Linhares de Lima; generais Ferreira Martins, Ivens Ferraz e Ramos de Miranda; governador militar interino de Lisboa, almirantes Saavedra e Magalhães Correia; governador civil de Lisboa; brigadeiro Bernardo do Canto, comandante da Policia de Segurança, dr. Hernani Cidade, presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais, etc.

Após os cumprimentos o Chefe do Estado colocou um ramo de rosas no pedestal do monumento, perfilando-se depois em continencia, bem como todos os presentes. Em seguida o sr. general Vicente de Freitas colocou outro ramo, em nome da cidade. Os ex-combatentes franceses e belgas floriram tambem o pedestal do monumento.

No consulado de França

No consulado de França, realizou-se hoje uma cerimonia commemorativa do Armisticio, tendo sido colocados pelos combatentes belgas e franceses dois grandes ramos de flores junto da lapide ali existente e de homenagem aos franceses residentes em Portugal, mortos na Grande Guerra, e aos portugueses que morreram como voluntarios ao serviço da França.

Ao acto, assistiram tambem muitos combatentes portugueses, tendo-se feito representar a Liga dos Combatentes de Lisboa e a Comissão dos Padrões da Grande Guerra, respectivamente pelos srs. capitão Julio Gomes e tenente-coronel Perry da Camara.

Junto da lapide falaram os srs. ministros da França e o presidente da Associação dos Combatentes Franceses residentes em Portugal.

A «matinée» no Coliseu

Com a assistencia do chefe do Estado e dalguns membros do governo realizou-se hoje no Coliseu dos Recreios a «matinée» promovida pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

O espectaculo começou cerca das 15 horas, com um concerto pela Banda da Marinha, que foi muito aplaudida. A primeira parte do programa foi preenchida por demonstrações de gimnastica e esgrima, pelos alunos da Casa Pia, Instituto Feminino de Educação e Trabalho, Asilo Maria Pia, Pupilos do Exercito e Colegio Militar.

Na segunda parte, houve canto coral pelos alunos do Asilo Nun'Alvares, demonstrações desportivas e recitação pelas alunas do Instituto de Odivelas. A terceira parte foi preenchida por numeros executados por alguns dos nossos melhores artistas de teatro.

No intervalo da segunda para a terceira parte o combatente sr. Eduardo de Faria pronunciou um vibrante discurso, que foi, frequentemente, cortado com aplausos da assistencia, que enchia, completamente, todos os lugares do Coliseu.

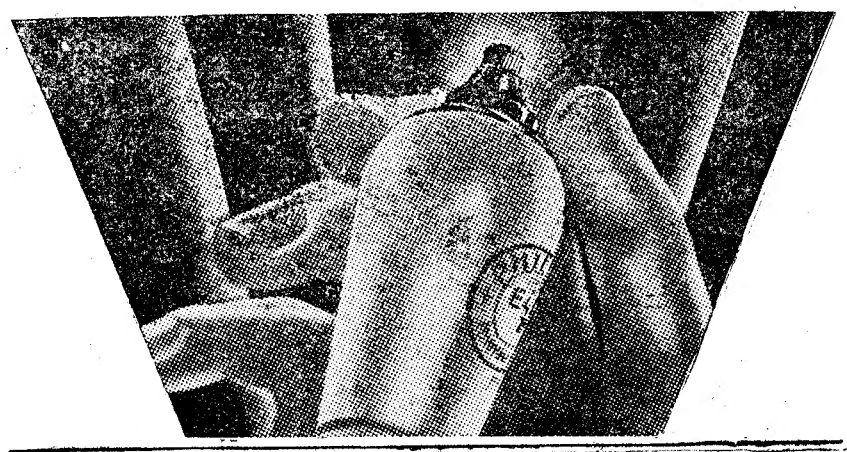
Os actos religiosos

Mandada rezar pelos antigos combatentes franceses e belgas, celebrou-se hoje na igreja S. Luiz rei de França uma missa a que assistiram muitos combatentes franceses, belgas e portugueses e o pessoal das legações e consulados de ambos os paises; generais Vicente de Freitas e Ferreira Martins, brigadeiro Bernardo do Canto e capitão Julio Gomes, representando a Liga dos combatentes portugueses, etc.

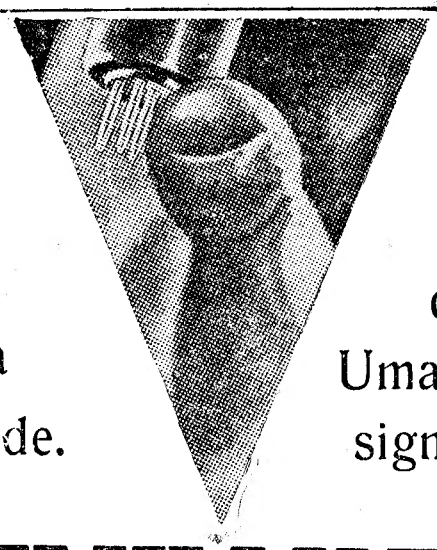
Um peditorio em Lisboa

A Junta de Freguesia de Carnide foi autorizada a realizar nos proximos dias 13 e 14, em Lisboa, um peditorio, destinado a angariar donativos em favor do seu posto de socorros e de um curso nocturno que mantem ha anos já.

Tratando-se de tão benemerito fim, é de esperar que ninguem lhe negue a sua cooperação, contribuindo assim para três obras que são inteiramente dignas de apoio.



Eis a melhor



A valvula que marca pela sua qualidade.

Uma "valvula" não quer dizer nada. Uma "miniwatt" significa tudo.

"MINIWATT"
PHILIPS RADIO

MUNDANISMO

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Bobone, D. Ana Izabel Zuzarte de Mascarenhas d Novais e Ataide, D. Maria de Guimarães Pinhiro Lima, D. Maria Leonor da Cunha de Abreu Peixoto, D. Maria Beatriz de Mendonça de Noronha e Castro, D. Rita Sousa Coutinho Empis, D. Branca Pita Moreira, D. Maria das Dores Centeno de Sousa Coutinho e D. Ermelinda Pinto de Oliveira.

Casamentos

Sendo celebrante o prior de Carnide, reverendo Francisco Baptista, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se em capela armada na residencia do sr. Francisco Brederode Smith, o casamento de sua filha D. Emilia com o sr. Jorge Monteiro Consiglieri Pedroso, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria Kukenbuck Vilar e D. Gertrudes Consiglieri Pedroso e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Fernando Brederode.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido, no salão de mesa da elegante residencia, um finissimo lanche da Benard, seguindo os noivos depois para Coimbra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Para o sr. dr. Agostinho Pinto Leite, foi pedida em casamento, por seus pais, sr. dr. Agostinho Alves Pinto Leite e sr.ª D. Beatriz de Azevedo Pinto Leite, a sr.ª D. Maria Adelina de Sá Couto da Cunha Sampaio e Maia de Castro Saraiva e do sr. dr. Armando Evaristo de Castro Saraiva, já falecido, e neta dos srs. condes de S. João de Ver.

—Pela sr.ª D. Ernestina Alves da Fonseca Carneiro, foi pedida em casamento, para seu neto, sr. Nuno da Costa Alves, a sr.ª D. Mercedes Vaz Ferreira de Andrade, gentil filha da sr.ª D. Izaura Adelaide Vaz de Oliveira Ferreira de Andrade e do sr. Manuel Lopes de Andrade, secretario da Tutoria da Infancia de Lisboa.

Em viagem

Partiu para Murça o sr. José Manuel Guedes de Noronha.

—Regressou a Penafiel o sr. tenente-coronel Cerveira Pinto.

—De Vila Nova de Famalicão, regressou ao Porto o sr. dr. Augusto Cupertino de Miranda.

—Partiu de Cabanas para o Porto a sr.ª D. Maria Amelia Molarinho Ramos.

—Vinda de sua casa de Coimbra, encontra-se no Estoril, passando alguns dias, acompanhada de suas filhas, D. Adelia e D. Magnolia, a sr.ª D. Maria Mntes Golegã.

Doentes

No hospital da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, hospitalizou-se o sr. Adriano Augusto Veiga Rodrigues.

Na Exposição Industrial

Matinée elegante

Organizada pelo artista Anibal Contreiras, da comissão executiva da Grande Exposição Industrial Portugusa, realiza-se amanhã, no Cinema do Palacio das Exposições, mais uma elegante matinée» por convites, dedicada ás senhoras da nossa primeira sociedade. Além do programa de filmes e de musica portuguesa caprichosamente seleccionados, a notavel escritora D. Sara Beirão fará uma interessante conferencia intitulada «A mulher nas industrias portuguesas».

Para serem sorteadas pelas senhoras, os expositores ofereceram bastantes e valiosos produtos.

Estas «matinées» estão marcando pela elegancia, sendo os respectivos convites feitos pelos nossos camaradas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques.

Continua a ser muito visitado o stand de Pratas de Arte e Joias do nosso amigo Anibal Tavares, que apresenta um riquissimo sortido de filigranas regionais.

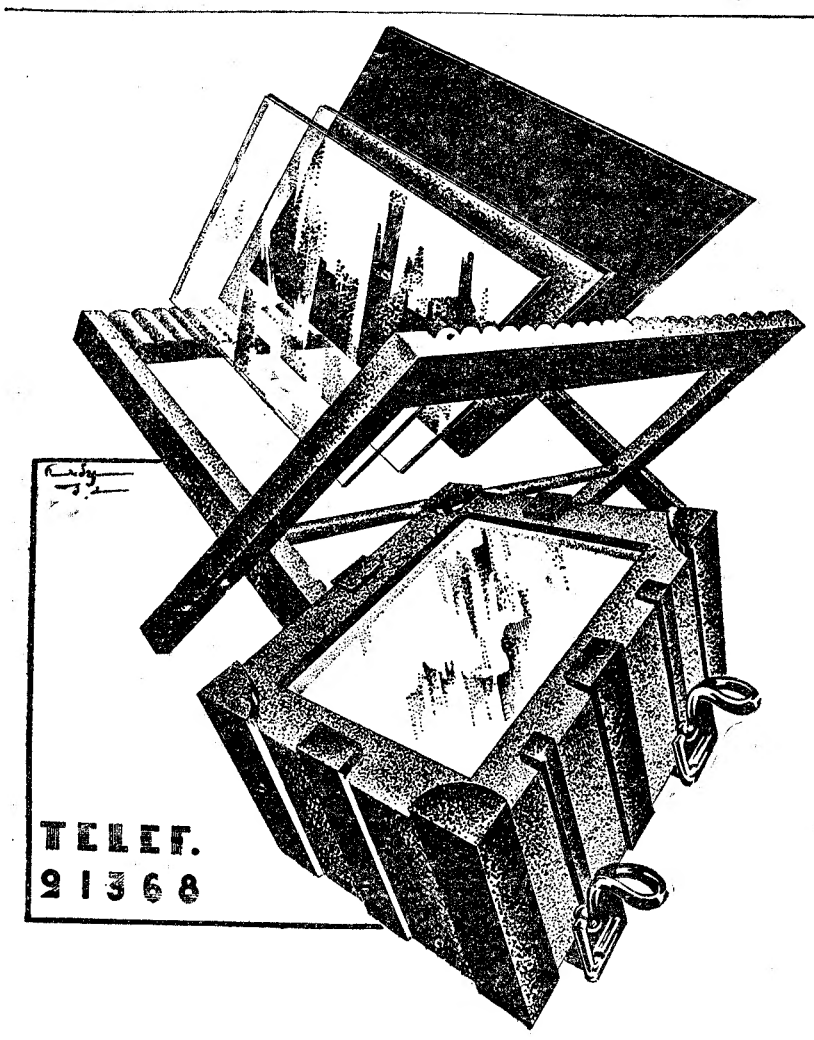
Aconselhamos uma visita ao seu estabelecimento 95 Rua da Prata, 97, onde certamente se encontrará uma exposição completa de requintados modelos.

Pelo Juizo da 6.ª Vara de Lisboa, cartorio do 1.º Oficio, correm éditos de 30 dias, que se começam a contar da 2.ª publicação dêste, intimando Carolina de Sousa Vigario, residente em Reguengo do Fetal, concelho da Batalha, para contestar, querendo, no praso de 5 dias, o pedido de beneficio de assistencia judiciaria feito por Adriano Gomes Semeão, para contra ela intentar acção de divorcio.

O escrivão, **José Martins Seruca.**

Verifiquei.

O Presidente, **Callado.**



TELEF. 21368

BERTRAND (IRMÃOS) L.DA

GRAVADORES E IMPRESSORES

TRV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

OS CODONAS

unicos creadores do Triplo Salto Mortal

HOJE **no Coliseu** HOJE

Espectaculo sensacional com todas as fenomenais atracções da

Grande Companhia de Circo

Ha muitos anos que a afluencia do publico de Lisboa ao Coliseu não é tão flagrantemente justificada como na presente temporada. Porquê?

E' que têm sido exibidos numeros de extraordinaria valia, mas nenhum que atingisse o "frisson„ das atracções emocionantes, como os Codonas, cujas assombrosas qualidades de arrojo e de virtuosidade fizeram deles o maximo que, em qualquer tempo, um gimnasta pôde ambicionar.

E' que, ao cabo de seculos de porfiados esforços gimnasticos, só os Codonas conseguiram o que até ha poucos anos era considerado impossivel.

Todas as noites, no Coliseu, a multidão freme de alegria ao vê-los entrar, a esses triunfadores do espaço, que vão trabalhar para além da rêde, satisfazer a sua ansia de voar!

A musica, que se animára duma marcha heroica, flue agora deliciosamente em espirais de valsa.

Os trapezios cortam o ar em lentos e largos vai-vens que sobem alto e entontecem.

Dum lado, o base: Abelardo Codona; do outro lado, os valentes, Alfredo Codona e sua gentil mulher, perfeitissima gimnasta que o ar carinhosamente suspende, conservando-lhe o sorriso...

E o espaço fica olimpicamente animado de duplos mortais, "cassecorss„ piruetas, "troits„ mortais de olhos vendados, sereias, saltos de peixe, de todas as possiveis combinações da alta gimnastica.

De subito, a musica pára. Faz-se o silencio que antecede os grandes acontecimentos.

Alfredo Codona sobe mais alto preso ao trapezio, larga-o, remonta mais alto ainda por uma formidavel *auto-chicotada* nos rins, engrupa em velocidade volteando o corpo nervosamente, muscularmente, e numa estesia que assombra num triplo mortal, formidavel de tempo, caindo nas mãos do base, quando já uma trovoada de palmas enche o ambiente do mais frenético entusiasmo que se tem sentido no Coliseu!

Estupendo! Maravilhoso!

E' impossivel conseguir-se mais da gimnastica.

Vê-los-emos de novo, esta noite no Coliseu. E' mais uma enchente, mais uma noite de gloria para os admiraveis Codonas, os melhores voadores do mundo!

CHÁ GORREANA

Não ha necessidade de comprarmos um chá estrangeiro, quando temos em casa um produto que nos honra e satisfaz.

O chá Gorreana deve ser sempre o preferido, porque é portuguez e porque a sua qualidade e preço são inegualaveis.

Verde ou preto em pacotes (À venda nas casas da especialidade)

O SUISSO ATLANTIC HOTEL

Roga que experimentem o seu tratamento e preços sem confronto. Muito especial para familia. Condição unica pelo socego—R. da Gloria 3. Tel. 21925.

VESTIDOS
Executam-se com muito chic e preços rasoaveis
Rua do Crucifixo, 96
Telef. 2 0100

ESTRANGEIRO

Dr. Armando Narciso
Retomou a clinica
PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.º
Telef. 21738

AS ORIGENS DA GUERRA

Uma grave revelação

do conde Sforza

PARIS, 11—De Genebra comunicam ao «Matin» que o conde Sforza, antigo ministro dos negocios estrangeiros na Italia, num discurso que proferiu no Instituto Universitario Internacional, a proposito das origens da Guerra, revelou que, por ocasião da ultima renovação da triplice aliança entre a Alemanha, a Austria e a Italia, o estado maior alemão propuzera ao estado maior italiano uma nova convenção, em que se previa, nomeadamente em caso de guerra, uma concentração, em territorio suiço, dos exercitos dos dois países. O estado maior italiano submeteu esta proposta ao governo, que se recusou a tomar conhecimento dela e se opôs energicamente á continuação das diligencias nesse sentido, declarando categorica e solenemente que era não só um dever moral respeitar a neutralidade da Suiça, mas que a sua manutenção era tambem de interesse para a Italia.—(Havas)

A situação de Irigoyen

BUENOS AIRES, 11.—O ex-presidente Irigoyen não concorda com a sentença do Supremo Tribunal, que considera prescrita a acção penal contra ele e contra os seus ex-ministros. O seu advogado apresentou, ha pouco, um recurso de nulidade e apelação. Irigoyen insiste em ser julgado pelo Parlamento, para que se aclarem as acusações formuladas contra ele, depois da revolução de Uriburu.—(Americana).

LEILÃO DE PENHORES
"A Comercial"
18, T. da Trindade, 22
(ao Chiado) T. 2 5082
No dia 14 do corrente e seguintes, pelas 14 horas, na rua do Norte, 81, dos penhores em atraso de juros.

NOVEMBRO
11
SEXTA-FEIRA
(S. MARTINHO)
O Escorpião
no
AVENIDA
Minha mulher, convencida
Quer que eu vá á Exposição
E á farmacia do Avenida
Consultar *O Escorpião.*
Domingo, 13—A's 3 horas—2.ª Matinée

POLITICA ESPANHOLA

O espectro da crise continua

a ameaçar o govêrno

(Do nosso correspondente particular)

MADRID—novembro.— A situação politica não se apresenta muito clara. Embora á superficie não apareçam sinais de tormenta, no fundo existe uma agitação violenta.

Não existindo no Parlamento uma oposição forte e aguerrida, e continuando a Imprensa a manter-se fiel ao governo, parece que tudo deveria correr bonançosamente.

O espectro da crise, porém, perfila-se ameaçador, estendendo a sua sombra sinistra sobre os arraiais ministeriais.

A vitoria da lista anti-intervencionista no congresso da U.G.T. enfraqueceu a posição dos ministros socialistas. Os seus adversários cobraram animo, reacendendo a campanha contra a colaboração socialista.

De acordo com as ideias do proprio chefe do governo, os elementos da esquerda sentem a necessidade de se organizar e daí os seus trabalhos para a federação esquerdista. Desvirtuando, porém, o pensamento do sr. Azaña, procuram restringi-la aos actuais partidos governamentais.

Não se adiantará por esse caminho grande cousa, porquanto já estavam de facto federados os grupos a que aludimos. A sua união sob um nome unico que os englobasse a todos não teria mais eficiencia do que a de representarem nas Côrtes a mais nutrida minoria

E essa teria, pelas normas parlamentares, o direito de vêr o seu chefe encarregado de formar gabinete.

Assim, no caso duma crise provocada pela saida dos socialistas, o partido radical ficaria sendo a terceira minoria. E nesse caso, o novo chefe do governo viria a ser o sr. Azaña.

D. Alejandro Lerroux mais uma vez continuaria na sala de espera aguardando a vez de governar, o que para um homem da sua idade constituiria perspectiva pouco agradavel.

Os radicais, que não desdenham a velocidade e apreciam a importancia do tempo, não descuram a oportunidade. A sua tactica de quererem entrar na federação das esquerdas não deu resultado; mas se os socialistas saissem do governo, essa entrada tornar-se-ia inevitavel. Daí a sua fobia socialista.

Nas conversas que costumam preceder as crises os radicais esforçam-se por convencer os outros grupos da conveniencia dos socialistas se irem refazer na oposição.

Mas estes não parecem muito inclinados a curas de repouso, ou mais propriamente, não acreditam que os sufragios voltem a brinda-los tão prodigamente.

Na hipotese a que nos referimos haveria uma concentração das esquerdas, que começaria nos radicais-socialistas para acabar nos radicais, presidida por Azaña.

Possivelmente o caso terá menos amplitude. E a ser assim, o que nos parece mais logico, a crise seria parcial.

Sairia o sr. Casares Quiroga, cuja saúde precaria o impossibilita de continuar no Interior; o sr. Zulueta, que não conta muitos triunfos nos negocios Estrangeiros, e o sr. Carner, bastante combatido pelas raras ideias que sobre orçamentos costuma manifestar.

Mesmo assim, haveria possibilidade dos radicais darem largas ao seu espirito governamental.

A agricultura francesa

LYON, 11—Encerrou-se ontem o XIV congresso da agricultura francesa. Votaram-se duas moções em que se pede aos poderes que restabeleçam a normalidade dos preços.—(Havas)

A fuga do general Barrera

TERUEL, 11—Foi preso o ex-comandante do «Cesar Jimeno» por ter facilitado a fuga do general Barrera, quando do movimento insurreccional de 6 de agosto.—(Havas)

As cheias na Italia

ROMA, 11—Em Reggio (Calabria) a cheia provocada pelas ultimas chuvas arrastou a nova ponte. Em Grotteria houve 9 mortos e em Mamnola 7.—(Havas)

Depois da revolução chilena

SANTIAGO DO CHILE, 11.—As comissões civis de Antofagasta, Concepcion e outros pontos continuam nos seus postos, com caracter semi-oficial, até á formação do novo governo. A manutenção daqueles organismos, que foram criados durante a revolução de Antofagasta, considera-se o primeiro passo para a descentralização administrativa. Não se considera inteiramente afastada a possibilidade dum novo pronunciamento militar.—(Americana).

NOVA YORK, 11.—O sr. Carlos Dávila, que se encontra aqui ha quinze dias, declarou que os capitais estrangeiros invertidos no Chile estão seguros. Nos meios financeiros, porém, ha apreensões sobre a sorte da Cosash, cujos capitais são, na quasi totalidade, norte-americanos.—(Americana).

ANTIGA CASA
ROSA & BRANCO
Reabriu definitivamente esta alfaiataria sita na Praça D. João da Camara, 19-1.º.
Consideramos esta noticia bastante agradavel para as pessoas que pretendam vestir-se bem, pois que além de continuar a merecer os seus creditos artisticos, expõe os seus fatos por preços tais que nos dá a impressão que voltamos aos preços de "antes da guerra„.
Chamamos a atenção dos nossos leitores para a **exposição desta casa nas montras do Eden Teatro.**
N. da R.—Retomou a sua antiga posição nesta casa o nosso amigo A. Ferreira Branco.

— Quer V. Ex.ª uma cerveja bem tirada? Vá ao Lá-Gare.

POLICLINICA DO ROCIO
L. D. João da Camara, 19—(Ao Rocio) Telef. 2 0660.
DR. A. PINA JUNIOR—Clinica geral e das crianças—14 h.
DR. REGO CORDEIRO—Rins e vias urinarias—A's 11 h.
DR. CANCELA DE ABREU—Medicina geral, doenças nervosas—17 h.
DR. CORDEIRO BLANCO—Doenças dos olhos—11,30.
DR. F. MARTINS PEREIRA—Medicina geral, coração e pulmões—15,30 h.
DR. OLIVEIRA MARTINS—Doenças das senhoras-gravidez, ás 15.
DR. JOSE PAREDES—Cirurgia geral, operações—16 horas.
DR. CORDEIRO LOBATO—Garganta, nariz e ouvidos—14 h.
DR. JORGE FALCÃO—Pele e sifilis—15 h.
DR. GENTIL BRANCO—Raios X.
DR. GONÇALVES VITERBO—Doenças de boca e dentes, ás 11 e ás 17 h.
DR. REIS VALLE—Analyses clinicas.
Diathermia, ultra-violeta, infra-vermelhos, galvanisação, maçagem e **gimnastica medica.**

A ELEIÇÃO DE ROOSEVELT

O problema das dividas

e a nova politica americana

WASHINGTON, 11.—A resolução tomada pela Inglaterra de enviar imediatamente ao governo dos Estados Unidos uma nota a respeito do pagamento da divida britanica, que se deve efectuar em 15 de dezembro, faz supôr que a questão das dividas de guerra será novamente tratada no seu conjunto, seguindo a França o exemplo da Inglaterra.

Os circulos politicos e diplomaticos americanos apreciam o gesto de cortezia que a Europa teve, não agitando o problema das dividas de guerra, embora urgente, antes das eleições.

Não se sabe se Hoover tenciona abandonar imediatamente o poder ou se estará disposto a prestar a sua colaboração. Não se espera nenhuma resolução antes do seu regresso a Washington, na proxima semana. Julga-se impossivel que a questão seja solucionada antes de 4 de março, mas para se evitar que o pagamento se efectue em 15 de dezembro, pensar-se-ia em suspender as datas de vencimento, enquanto durarem as negociações. Esta suspensão, como aliás qualquer nova combinação sobre as dividas de guerra, encontrará uma forte oposição, sobretudo por parte dos parlamentares que não foram reeleitos, que se manterão nas suas posições até 4 de março, tanto mais que nada têm a perder. Os circulos oficiais compreendem a urgencia da solução e a responsabilidade da America na crise de que ela é a primeira a sofrer, tanto mais que a Europa mantem as suas promessas, tendo chegado a um acôrdo em Lausana.—(Havas).

WASHINGTON, 11—Não se confirma oficialmente a entrega duma nota britanica sobre as dividas de guerra. A embaixada inglesa recusa-se a confirmar ou desmentir esta informação. A sua reserva, no entanto, é interpretada como confirmação da entrega da nota. O senador Borah, que ainda ultimamente se manifestava energicamente contra a anulação das dividas, recusou-se hoje a fazer qualquer comentario sobre o assunto.—(Havas)

Uma reunião importante

NOVA YORK, 11.—Roosevelt convocou para uma reunião algumas das principais figuras do Partido Democratico, a fim de assentar com elas nas primeiras disposições a tomar logo que o novo governo seja empossado. Atribui-se grande importancia a essa conferencia. Parece que fôram escolhidas as individualidades que constituirão o ministerio. A questão da «lei seca» será uma das primeiras a serem resolvidas. A abolição do proibicionismo deve ser um facto em meados do mês que vem.—(Americana).

Boato que se desmente

SOFIA, 11.—Desmente-se oficialmente o boato dum possivel encontro entre o rei Boris e o rei Carol.—(Havas).

VICTORIA
Feuer—Versicherungs—Aktien—Gesellschaft
SEGUROS CONTRA INCENDIO
DIRECÇAO PARA PORTUGAL:
Rua de S. Julião, 190, 3.º-Lisboa
ACEITAM-SE COLABORADORES

CAFES
Moidos puros e em grão aos melhores preços
CASA AMBOIM
70, Rua da Prata, 72
Telefone 2 4739
Importações directas.
Desconto especial para revendedores

CONDES
O grande sucesso cinematografico
ANNY NO CIRCO

ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.—CINTRA

ESTA', FINALMENTE, DESVENDADO O MISTERIO

Foi o neto da "pobre velhinha" quem matou

a governante da rua 20 de Abril

Humberto de Oliveira confessou o crime, mas a Policia suspeita que teve cumplices

Está finalmente descoberto o autor do barbaro crime da Rua 20 de Abril. A Policia de Investigação Criminal, com os fracos recursos de que dispõe, portou-se, neste caso, com uma perseverança digna de nota.

E ao seu trabalho infatigavel se deve o esclarecimento de parte do misterio que envolvia a morte da governante e a confissão do autor—ou dum dos autores—do assassinio.

Hoje de madrugada, o agente Costa Delgado foi á esquadra dos Anjos ouvir Humberto de Oliveira, que ali estava incomunicavel. O Humberto é o neto de Maria da Piedade Franco, aquela velhinha de 81 anos que frequentava a casa onde se deu o crime.

Em seguida ao interrogatorio, o agente elgado dirigiu-se ao Torel, onde se encontrava o chefe Pereira dos Santos, que dirigiu as diligencias respeitantes a este crime, brilhantemente coadjuvado pelo agente acima referido e pelos seus colegas Germano e Tavares. E pouco depois o chefe Pereira dos Santos submetia o preso a novo interrogatorio.

Fala o director da Policia

Embora tivéssemos a informação de que o neto da Maria da Piedade declarára ser o criminoso, preferimos aguardar noticias positivas, oficiais, indiscutiveis. E, assim, quizémos falar com o sr. dr. Alves Monteiro, ilustre director da Policia de Investigação. Este magistrado, porém, esteve toda a tarde interrogando o Humberto e seu pai—Salvador Monteiro de Oliveira. E só ás 17 e 30 o sr. dr. Alves Monteiro poude receber os representantes da Imprensa, a quem disse:

—Fiz isto para que os jornais da noite possam dar noticias certas sobre o caso. Para tal, interrompi o interrogatorio do preso—que está neste compartimento ao lado.

E explicou a razão da demora em tais diligencias:

—E' que eu tomo nota de tudo quanto ele diz. Vejam este caderno.

E apontou-nos um «block-notes» cujas folhas estavam quasi todas preenchidas.

—Depois—prosseguiu—é que faço reduzir as declarações a auto.

O sr. dr. Alves Monteiro deu-nos a seguir as mais interessantes declarações do preso.

Por ela se vê que Humberto de Oliveira confessa ter 30 anos, com 5 prisões e 5 julgamentos. As prisões foram por furto, desobediencia, roubo com chave falsa, etc. Das ultimas três vezes que foi preso, resultaram-lhe três condenações a prisão correccional.

Declarou o Humberto que ouvira dizer varias vezes a sua avó, Maria da Piedade Franco, que visitava a governante duma casa da Rua 20 de Abril, encarregada de receber as rendas das casas do patrão que estava fóra de Lisboa. E, como estava sem dinheiro e sem trabalho, tanto mais que o seu cadastro lhe tornava dificil qualquer colocação, planeou entrar na referida casa com chave falsa, e roubar o dinheiro das rendas.

Como foi praticado o crime

Para se certificar bem de qual era o predio em que morava a governante, seguiu um dia a sua avó, e viu que ela entrava no numero 139 da Rua 20 de Abril.

Dali a dias,—segundo ele diz, no dia 12 de outubro—resolveu entrar na escada, para verificar quais as portas de acesso ao segundo andar. Declara que não estava no seu espirito realizar o roubo nesse dia, mas apenas estudar o terreno. Mas, ao chegar ao patamar do segundo andar, lembrou-se de tocar a campainha. Uma mulher—a Maria Joana—abriu a porta. E ele, então, para explicar o que fizera, preguntou se não morava ali um individuo qualquer. A Maria Joana respondeu-lhe que morava ali ha bastante tempo e que nunca ouvira falar em tal nome—que fôra inventado pelo Humberto.

Conversaram durante alguns segundos.

—De repente—disse, pouco mais ou menos, o Humberto— passou-me uma coisa pela cabeça. Dei-lhe um soco na cara que a fez cair no corredor, junto á porta do quarto onde estava um oratorio.

Apesar de atordoada pelo murro—continuou o assassino—ela conseguiu fugir para a saleta e gritar:—Ai Jesus! Ai Jesus!

O Humberto diz que correu atraz dela. Que lhe deitou as mãos ao pescoço, para ela não gritar, e que conseguiu o seu intento. Que, com a força que empregou para dominar a governante, esta caiu sobre a poltrona que se deslocou. (Efectivamente, a poltrona que estava junto ao cadaver, estava inclinada, por ter um pé partido, que foi encontrado sobre o movel). Pôs-lhe um joelho sobre as cruzes e apertou mais violentamente o pescoço da desgraçada.

—De repente—acrescentou o criminoso—vi uma tesoura. Agarrei-a com a mão esquerda, enquanto a direita continuava a apertar o pescoço. E dei-lhe varios golpes, de traz para diante, em direcção ás fontes.

O Humberto diz que procurou estrangular completamente a governante. E que, para isso, empregou uma colcha, com a qual fez um laço, apertando bem o pescoço. Poucos minutos antes, fechára a porta que dá para a escada, e a cancela—que deixára aberta ao entrar.

Quando a sua vitima deixou de resistir, aparentando estar morta, o Humberto quis certificar-se. Voltou-a de peito para o ar. E pôs-lhe em frente da boca um espelho que se encontrava perto. A pobre mulher ainda tinha um ligeiro bafo. Mas poucos segundos de vida teria.

—Vendo as mãos sujas de sangue, dirigi-me á cosinha e lavei-as, limpando-as á toalha. E não me lembro bem se ainda fui com essa toalha tapar-lhe a boca, para lhe abreviar a morte.

Quanto á tesoura—que, segundo o criminoso, só estava suja de sangue nas pontas,—diz o Humberto que a atirou para dentro da celha da cosinha, acrescentando que não se lembra se a enxugou.

No quarto onde se encontrava o oratorio, abriu uma gaveta, mas nada encontrou de dinheiro ou de joias. E, então, passou a outra dependencia, que lhe pareceu ser um escritorio, onde tambem nada encontrou que o interessasse.

Dirigiu-se á cosinha e abriu a porta de comunicação para um quarto que lhe pareceu ser o da governante. E, então, viu uma mala «de beliche»—segundo a sua expressão—e tirou 3 contos e tanto em dinheiro, dois aneis, um relogio e uma pulseira. Meteu tudo, atabalhoadamente, nos bolsos.

Para entrar no bom caminho...

O sr. dr. Alves Monteiro preguntou-lhe por que razão, havendo na casa tantos objectos de prata, só levou o dinheiro e as joias da governante. E o criminoso declarou que o não fizera, porque apenas pretendia arranjar dinheiro para poder endireitar a sua vida e entrar no bom caminho... Prova-se que o não fez para não ser mais facilmente descoberto.

Depois do crime, diz o Humberto, vendo aberta a porta da sala, lembrou-se de tirar do guarda-louça 2 copos e uma garrafa de vinho, tendo deitado em ambos um pouco desse liquido, «para fazer crer que aquilo tinha sido praticado por duas pessoas». Fale ou não verdade o criminoso, não deixa de ser interessante esta explicação dum dos factos que mais intrigaram os investigadores.

O Humberto diz que saiu pelo mesmo sitio por onde entrára tendo fechado a porta e a cancela.

Afirma que não gastou em tudo mais que meia hora e que não encontrou ninguem na escada, quer quando subiu, quer quando desceu..

Preguntado novamente sobre os motivos por que praticou o crime, o Humberto declarou que não tinha intenção de matar, mas apenas de roubar, voltando a dizer que foi «uma coisa que de repente lhe passou pela cabeça».

—E o que fez ao dinheiro que roubou?—preguntou-lhe o juiz.

—Gastei-o quasi todo. E dei um conto de reis ao meu pai...

O pai é Salvador Monteiro de Oliveira, filho da Maria da Piedade,—que tambem está preso e que ainda hoje negou ter recebido qualquer dinheiro do filho, depois do crime da Rua 20 de Abril, pelo que a Policia tem justificadas suspeitas sobre a sua cumplicidade.

—E o que disseste ao teu pai?

—Que ganhára o dinheiro ao jogo.

—E ele acreditou?

—Disse-me: «Vê lá se fizeste alguma patetice!». E eu insisti em que ganhára o dinheiro ao jogo.

O destino das joias

Preguntado sobre o destino que déra aos objectos roubados, o criminoso afirmou que foi á porta do café «Chave de Ouro» preguntar por algumas pessoas que por ali costumam estacionar e que negociam eu ouro; que, ouvindo-o fazr tal pregunta, um homem aparentando 50 anos, de estatura media e bigode branco o convidou a acompanhá-lo; que subiram a Avenida da Liberdade, e, em frente ao Parque Mayer, se fez a transacção, por 200 escudos, quantia oferecida pelo comprador e com a qual o assassino se conformou. O Humberto não faz, porém, referencia senão ás joias a que atrás aludimos. Quanto ás outras que ele roubou em casa do sr. Henrique Alves, suspeita-se de que as tenha oferecido ou dado a guardar a alguem.

Interrogado ainda acêrca da maneira como gastou o dinheiro roubado, o Humberto afirmou que frequentou durante muitas noites o Parque Mayer, fazendo diversas despesas. Ainda ha dias, por exemplo, ao passar no Socorro, convidou duas mulheres que por ali passavam, para um passeio de automovel ao Campo Grande.

—Queria distraír-me!—disse. Tirar da ideia o que tinha feito.

Como acima dizemos, o pai do Humberto nega ter recebido o conto de réis que o filho diz ter-lhe dado. Por esse motivo, o Salvador será ainda hoje novamente interrogado pelo sr. dr. Alves Monteiro, que depois realizará uma acareação entre pai e filho.

Tanto o sr. Henrique Alves, como todas as outras pessoas presas por suspeita, serão ainda hoje postas em liberdade.

O sr. dr. Alves Monteiro disse-nos que está convencido de que o preso mente, quando diz que foi ele o unico criminoso, pois é sua opinião de que o crime deve ter sido praticado com a colaboração de qualquer outra pessoa. Tudo isso, porém, deve ficar deslindado ainda esta noite.

A Policia procura o negociante sem escrupulos que comprou as joias ao assassino.

Maxim's
Hoje—Dia de São Martinho
MAGUSTO
(Agua-pé e castanhas oferecidas)
2.ª apresentação das bailarinas fantasistas
SISTER'S EVA & YOLA
e da bailarina oriental
ZULAIKA
Domingo, 13, ás 17 horas
CHA' DANSANTE E VARIEDADES

MEIAS GUI—GRATIS
Como? Informa Vida!
53, Rua Ivens

Bons jantares, esmeradamente confeccionados, só na «Chic».

NO SAO LUIZ
O espectaculo assombro!
O espectaculo fenómeno!
O espectaculo mais celebre de todos os tempos!
O MEDICO E O MONSTRO

Julio das Farturas
Animado salão de festas do Parque Mayer
Grande exito das bailarinas HERMANAS PEREZ
Cinema e orquestra jazz
Valiosas e constantes surprezas
Entrada gratis—Aberto toda a noite